

JOVENS E VALORES HUMANOS: ORQUESTRANDO AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA E NA FAMÍLIA

Maria Dolores dos Santos Vieira

Universidade Federal do Piauí

doloresvieiraeduc@hotmail.com

RESUMO

Este artigo é parte de nossa dissertação de mestrado intitulada Os Acordes das Relações de Gênero entre Integrantes da Orquestra Jovem da Escola Padre “Luis de Castro Brasileiro” em União-Piauí (2010-2012). Nosso objetivo, nessa panorâmica, foi identificar quais valores humanos as/os jovens integrantes da Orquestra Jovem construía e como interferiam nas práticas de relações de gênero na escola e na família. Contribuem para essa discussão autoras/es como Ahmad (2008), Arendt (2009), Jares (2008), Mesquita (2003), Sampaio e Matos (2010), Duarte Júnior (2006) e outras/os. Como estratégias teórico-metodológicas utilizamos estudos bibliográficos, observação direta e entrevistas individuais. Trata-se de pesquisa qualitativa descritiva em que foram interlocutoras/es, jovens estudantes musicistas, pais e mães destas/es. Dados desse estudo apontam para a construção de valores humanos como responsabilidade, solidariedade, humildade, amizade, respeito, além de mudanças efetivas nas relações escolares e familiares. O empenho em discutir os valores humanos e suas implicações para as relações de gênero é um imperativo para a construção de convivências mais humanas e aproximativas na escola e na família e asseguram possibilidades de superação de contextos que desrespeitam seres humanos homens e mulheres.

PALAVRAS-CHAVE: Valores, Jovem, Gênero, Família, Educação.

RESUMEN

Este artículo es parte de nuestra disertación de máster intitulada Los Acordes de las Relaciones de Género entre Miembros de la Orquesta Joven de la Escuela Padre “Luis de Castro Brasileiro” en Unión-Piauí (2010-2012). Nuestro objetivo, en esa panorámica, fue identificar cuales valores humanos las/los jóvenes miembros de la Orquesta Joven construían y cómo interfirieron en las prácticas de relaciones de género en la escuela y en la familia. Contribuyen para esa discusión autoras/es como Ahmad (2008), Arendt (2009), Jares (2008), Mesquita (2003), Sampaio y Matos (2010), Duarte Júnior (2006) y otras/os. Como estrategias teórico metodológicas utilizamos estudios bibliográficos, observación directa y entrevistas individuales. Se trata de investigación cualitativa descriptiva en la cual fueron interlocutoras/es, jóvenes estudiantes músicos, padres y madres de estas/os. Datos de esa investigación indican para la construcción de valores humanos como responsabilidad, solidaridad, humildad, amistad, respecto, además de cambios efectivos en las relaciones escolares y familiares. El empeño en discutir los valores humanos y sus implicaciones para las relaciones de género es un imperativo para la construcción de convivencias más humanas y aproximativas en la escuela y en la familia y garantizan posibilidades de superación de contextos que desrespeten seres humanos hombres y mujeres.

PALABRAS LLAVE: Valores, Joven, Género, Familia, Educación.

Prelúdio Interlocutivo: apoderando-se das notas

Este artigo é parte de nossa dissertação de mestrado intitulada Os Acordes das Relações de Gênero entre Integrantes da Orquestra Jovem da Escola Padre “Luis de Castro Brasileiro” em União-Piauí (2010-2012). Nosso objetivo foi identificar quais valores humanos as/os jovens integrantes da Orquestra Jovem construíam e como interferiam nas práticas de relações de gênero na escola e na família). Nessa pesquisa ficou acordado entre as partes que as/os interlocutoras/es seriam identificadas/os por nomes de instrumentos musicais constantes da Orquestra. Elas serão: Flauta Transversal, Violino, Clarinete, Bombardino, Percussão e Lira. Eles serão: Contrabaixo, Trompete, Violoncelo, Sax tenor, Saxofone e Trombone.

A Orquestra Jovem foi um projeto criado pela Prefeitura do município através do órgão responsável pela educação municipal- a Semec- Secretaria Municipal de Educação e Cultura com o objetivo de intervir em contexto escolar de violência, evasão escolar, baixa aprendizagem, drogadição, abuso sexual e ausência de políticas públicas para as juventudes. Era essa a realidade vivenciada pela escola supracitada e em decorrência disso e atendimento a inúmeras queixas de docentes e outros agentes educativos que alegavam ter dificuldades de realizar suas atividades na instituição devido a problemas de convivência que segundo seus depoimentos iam desde as violências verbais até aquelas de nível físico.

Discutir a temática dos valores humanos a partir de práticas de relações de gênero que se construíram atravessadas pela música nos pareceu uma ação necessária para que realmente valorizássemos a sua contribuição, enquanto conteúdo capaz de intervir na realidade estudada, a ponto de ser semente de novas posturas humanas entre as(os) jovens na Família e na Escola, em particular, incidindo sobre a qualidade das práticas de relações de gênero dessas(es) musicistas. Visando promover uma consistente discussão acerca desse tema, iniciamos por apresentar o conceito de valores humanos com o qual nos identificamos e referenciamos os aprendizados em valores percebidos nessa pesquisa.

O conceito de valores humanos com o qual coadunamos é encontrado em Cardoso (1995), no sentido de serem esses os estimuladores do desenvolvimento harmonioso das dimensões da totalidade pessoal em que estejam incluídos os aspectos físicos, intelectuais, emocionais e espirituais. Concordando com isso, nos comprometemos a empreender a busca dessas dimensões nas práticas de relações de gênero desses sujeitos.

Esse tipo de visão conceitual nos proporcionou a reflexão que nos leva ao entendimento de que a formação do Ser deve acontecer em sua totalidade, envolvendo esses aspectos e ajuntando-se a esses outros de ordem ética e moral. Sobre isso também recaiu a questão da essência humana, isso compreendemos estar além da música.

Reconhecer essa limitação não implica, no entanto, na desqualificação da música para a construção de valores humanos, apenas nos direciona para a sua canalização real: a música pode ter atuado como mecanismo capaz de acionar os sistemas pessoais dos sujeitos, contribuindo para a emersão de suas essências, do contrário, a música serviria como dispositivo que fabricaria jovens iguais e dentro de uma temporalidade e de prescrições que fossem adequadas aos modelos do imaginário social em voga.

Sabemos que as mudanças são processos inacabados, o que esperamos é evidenciar, através da educação musical, os valores humanos com os quais as(os) musicistas parecem ressignificar suas práticas de relações de gênero. Como anota Duarte Júnior (2006), a Arte não estabelece verdades gerais, conceituais nem objetivas que discorrem sobre classes de eventos e fenômenos. Antes, busca apresentar situações humanas particulares, nas quais esta ou aquela forma de estar no mundo venha simbolizada e intensificada perante nós.

Ao comentarmos esse enxerto queremos tão somente reforçar que a arte não pode ser encarada como uma técnica ou fazer intelectual, aos quais se dedicam as ciências exatas ou a Filosofia; entretanto, pela arte se pode vir a pensar e a questionar. A elaboração do pensamento é o que remete o ser humano a esse desconstruir construir, sempre num movimento contínuo de aprender a Ser. Nessa acepção, Duarte Júnior (2006) também nos comunica que “[...] a arte pode consistir num precioso instrumento para a educação do sensível, levando-nos não apenas a descobrir formas até então inusitadas de sentir e perceber o mundo, como também desenvolvendo e acurando nossos sentimentos e percepções acerca da realidade vivida.”.

A percussão da metodologia

Utilizamos para realização da pesquisa, a abordagem qualitativa que concebe as/os sujeitas/os abordadas/os como copesquisadoras/es, seres históricos e culturais que são

consideradas atrizes e atores sociais de qualquer contexto social em que criam valores, significados, símbolos, e ressignificam todos esses elementos em suas realidades cotidianas, entre si e em contato com agentes externos ao seu meio de vivências (MELUCCI, 2005; CHIZZOTTI, 2010; MINAYO, 2012). O enfoque foi do método descritivo analítico, pois esse tipo de pesquisa tem como objetivo principal a descrição das características de determinada população e dos fenômenos que nela observamos e nos permitiram o estabelecimento de relações entre variáveis (GIL, 2007).

As informações coletadas foram analisadas através da análise de conteúdo (Bardin,1977) que nos possibilitou o conjunto de instrumentos metodológicos que foram aplicados aos discursos falados ou escritos extremamente diversificados e essenciais para a maior compreensão dos eventos, das representações, da significação e dos sentidos apreendidos e evidenciados no corpo das informações captadas nos campos da investigação.

Para dar conta da proposta investigativa, traçamos um percurso metodológico que nos possibilitasse analisar as subjetividades imbricadas nas convivências juvenis de modo que fosse possível a observação direta e a entrevista semiestruturada. Assim observamos durante um semestre a convivência das/os musicistas na Orquestra e na escola que sediava a agremiação e registramos as observações em diário de campo.

A entrevista semiestruturada individual foi um instrumento eficaz de coleta de informações desse estudo, uma vez que permitiu averiguar fatos e aspectos, possibilitando identificar as opiniões sobre esses, determinar respostas e interpretar os significados atribuídos pelas/os sujeitas/os. Foram entrevistados doze jovens da Orquestra sendo seis jovens homens e seis jovens mulheres de um universo de cinquenta e sete integrantes. Os critérios utilizados para a escolha dessas/es interlocutoras/es foi a faixa etária de 15 a 19 anos e o pertencimento à Orquestra e à escola.

As falas orquestradas pelas/os musicistas e pelas famílias

O que estamos apontando aqui é a nossa expectativa quanto aos achados referentes aos valores, e a descrevemos com a convicção de que mantivemos a distância necessária quanto ao representado, por isso, aguçamos o olhar de pesquisadora, de modo a enxergar junto com o olhar coletivo daquelas(es) que viveram a experiência da música, que tiveram as suas vidas modificadas ou não, para que fosse possível a apreensão verdadeira de suas impressões, ao mesmo tempo em que as colocávamos

incessantemente em frontal comparação com a realidade observada antes e depois da integralização dessas(es) jovens à Orquestra. Começamos escutando as musicistas sobre os valores humanos que elas construíram e atribuíam à música a sensibilização que favoreceu essas novas visões da vida, de si e das/os outras/os. Seguem abaixo suas expressões:

“Aprendi a dialogar com outros jovens, não só na Orquestra, mas na escola, até lá em casa eu mudei, converso mais com minha mãe, com meu pai, falo quando estou com problema ou se aconteceu alguma coisa que eu acho que eles têm que saber. Antes, eu era muito trancada, ficava no meu canto. Até o meu problema de dislexia, que é comprovado e que eu faço acompanhamento, tem melhorado, tanto que passei para o Curso de Música do IFPI em Teresina, e hoje faço parte da Orquestra do Instituto Federal do Piauí. Também obtive mais conhecimento, tanto na música como nas amizades, no respeito aos outros jovens (homens e mulheres). Pra mim a Orquestra abriu as portas do meu sonho.” (FLAUTA TRANSVERSAL, 2013)

“Na Orquestra a gente aprendia mais que música, a gente aprendia a viver, porque o maestro e os outros professores conversavam muito com a gente e faziam de tudo para a gente melhorar o nosso comportamento, respeitar os outros e ajudar os que precisavam de ajuda para aprender a tocar uma música ou quando o instrumento dava um defeito. A gente fazia isso na Orquestra e na escola também. Antes eu era mais cabeça dura, batia de frente com os professores, era esquentada, depois fui vendo que isso não leva ninguém pra frente.” (VIOLINO, 2013)

“Meu maior aprendizado foi tocar um instrumento, depois aprender a dialogar com os jovens da Orquestra. Parece que quando a gente conversa com outros jovens como a gente, a gente se vê e entende o que está sentindo. Eu gosto da música por isso, quando estou só e tenho um problema eu desabafo, às vezes tocando ou ouvindo música pelo celular.” (CLARINETE, 2013)

“Aprendi a colaborar com todo mundo, ser humilde, ajudar no que puder a quem precisar. A Orquestra me ensinou também a trocar ideia com as pessoas, nunca reagir com violência, procurar resolver as coisas na conversa e respeitar todo mundo. Na amizade a gente consegue muita coisa. Eu aprendi a ter paciência, com calma a gente faz as coisa direito e não se arrepende depois. Às vezes é difícil, mas a gente tem que aprender a aguentar as coisas, porque cada um é cada um, tem o seu jeito. É preciso ter cabeça senão já viu.” (BOMBARDINO, 2013)

“Aprendi a me relacionar melhor através da música, aprendi também a me adequar a essas duas situações, tanto no interior da Orquestra como também da escola. Eu conseguia dialogar melhor com as mulheres por serem mulheres, mas tínhamos respeito por todos e uma bela forma de amizade.” (PERCUSSÃO, 2013)

“Aprendi a ter disciplina, aprender música precisa de disciplina, paciência. Sem contar que a gente fazia parte de um grupo onde todo mundo era amigo, se ajudava, se entendia. A gente gostava muito de conversar, de dividir os problemas, até com quem não era da Orquestra. Eu acho que o maior aprendizado da música foi a amizade do grupo.” (LIRA, 2013)

Escutadas as musicistas, nos lançamos à escuta dos demais instrumentos musicais partícipes do estudo, para que pudéssemos juntar as suas vozes à música dos valores humanos escutada anteriormente nas vozes das jovens, de forma que depois, licenciada por elas(es), cantássemos um canto apoteótico em que os valores fossem o refrão mais forte e construído por todas(os) na Orquestra e na Escola. Escutar as/os jovens foi momento rico de aprendizagens e de revelações que serviram de conteúdo para as nossas análises. Os seus depoimentos foram carregados de muitas verdades que sedimentaram nossas desconfianças, transformando-as em construtos para nossa investigação. Com a palavra os jovens instrumentistas:

“Eu aprendi na Orquestra (com a música) e na escola também, a ser uma pessoa mais comprometida com as minhas escolhas, mais responsável. Também ganhei outra ideia de respeito, devemos respeitar todo mundo. Ajudar também. Antes eu não parava em casa, brincava muito, melhorei demais, me acalmei e sei o que eu quero e o que eu não quero, sou capaz de pensar por mim mesmo.” (CONTRABAIXO, 2013)

“Aprendi primeiro a valorizar a música, foi o mais forte, com isso veio outras coisas: o respeito pelas pessoas da Orquestra, o maestro, os professores, os colegas. Na escola também passei a respeitar mais, melhorou as minhas amizades. Aprendi a ser mais humilde, ouvir as críticas sem me zangar. A música me ajudou a vencer meus problemas, até a entender certas coisas da minha vida.” (SAX TENOR, 2013)

“Aprendi que a música não é só o que se toca ou se ouve, a música é a vida da gente. Ela diz o que somos e o que queremos ser. Com a música eu pude aceitar as diferenças das pessoas, a conviver em grupo, a respeitar essas diferenças e ajudar sempre.” (TROMPETE, 2013)

“Uma lição que eu tirei que é bem típica é saber que tem sempre alguém que sabe mais do que a gente, por isso devemos ter humildade, saber que não somos sozinhos no mundo e respeitar, ser solidário, amigo. Também fazer tudo com responsabilidade.” (VIOLONCELO, 2013)

“O que eu aprendi foi a amizade, a solidariedade, ajudar os outros, saber perceber o valor dos outros, saber que todos são capazes e respeitar, acima de tudo. Com respeito a gente constrói o mundo.” (SAXOFONE, 2013)

“Aprendi várias coisas: o respeito, a solidariedade, a humildade, a amizade, a honestidade e o compromisso com a gente e com os outros. Além da responsabilidade que devemos ter com tudo que fazemos.” (TROMBONE, 2013)

Os valores contidos nas falas das(os) jovens sugerem estreita relação com as regras de convivência a que foram submetidas(os) ao ingressarem na Orquestra. À primeira vista elas podem aparentar certa “camisa de força,” como o ter que respeitar, o ter que aceitar as coisas, mas ao nos aproximarmos vimos que o respeito, a solidariedade, a humildade, a responsabilidade e o reconhecimento são valores humanos

consistentes nessas expressões e são construídos a partir de novas concepções dos Seres em questão, e de novas visões do outro e do mundo. Ao refletirmos, ainda, sobre os valores humanos evidenciados pelas(os) jovens, assumimos a ideia de que esses valores são fundados no processo de autorrealização desses sujeitos. É através da música que eles são consolidados.

Ademais, nossa pesquisa mostra que é possível a utilização da música como estratégia metodológica, o que nos leva a interpretar que os valores humanos realmente possam ser o tempero que vai dar gosto às práticas de relações de gênero, pois como acentua Mesquita (2003), os valores humanos são as qualidades que nos definem como seres humanos, independentemente do credo, raça, condição social ou religião. São os atributos inerentes ao ser humano. Se a música faz aflorar esses valores há, então, como estabelecermos a interconexão dos valores, suscitando novas práticas de relações de gênero na Orquestra, na escola e na família. O que nos conduz a Sampaio e Matos (2010, p. 52):

[...] valores humanos, no contexto educacional, servem de alicerce para a realização de ações pautadas no diálogo e na construção de relações mais harmônicas e equilibradas. Como consequência, o alcance dessas vivências gera modificações de atitudes e comportamentos de educandos e educadores quanto à consciência e alterações de posturas nas relações interpessoais, disseminação de tolerância e respeito mútuo, e diminuição dos índices de violência física e verbal nas escolas e suas proximidades.

Compreendemos, assim, que os valores humanos estão relacionados com a forma de sentir e de agir dessas(es) jovens diante dos outros. Essas qualidades, uma vez positivadas, passam a ser valores humanos em todas as instâncias de convivência, operando nas condutas pessoais, de maneira a transformar cada pessoa no melhor de si. Os valores encontrados comprovam, pela manifestação de suas diferentes qualidades, que a paciência, a honestidade, a amizade, a valorização do outro são também espectros desses valores. O Projeto da Orquestra não teve a proposta de uma educação em valores, mas a música em toda a sua essencialidade acabou por considerar, conforme a nossa interpretação, dimensões esquecidas ou pouco valorizadas pela escola, fato evidenciado nos aprendizados das(os) musicistas.

Ao propormos a escuta à família, tivemos a pretensão de creditar à música outras qualidades humanas baseadas em valores que pudessem ter sido percebidos ou vividos pelos pais e pelas mães como fenômenos ramificados da experiência da

Orquestra. Ao falarmos de uma vivência familiar que pudesse dar conta da apreensão de valores humanos imbricados nas relações familiares nos remeteu primeiro ao entendimento de quem eram essas(es) mães, pais do ponto de vista da formação humana, para que em nenhum momento contribuíssemos, em nossas interpretações, para julgamentos ou estigmatizações, nunca foi essa a nossa intenção, ao contrário, a única visibilidade que buscamos é a da esperança que pode trazer a mudança, porque conforme Freire (2005), as pessoas se movem na esperança, enquanto lutam, e se lutam com esperança, esperam.

As famílias que harmonizam as suas relações com base na vivência dos valores humanos tendem a transformar o contexto familiar numa ambiência em que as práticas de relações de gênero se apresentam de forma mais saudáveis. Ter, no convívio familiar, a inclusão dos valores humanos, é galgar passos que levam certamente a concepções do feminino e do masculino menos discriminatórias e preconceituosas.

Essas, uma vez ancoradas pelos saberes paternos, maternos, e de outros membros que atualmente compõem os novos modelos de família, permitindo inclusive outras interferências humanas (de avós, tios, irmãos, outros) que se tornam forças educativas nesse meio, multiplicam-se, gerando comportamentos menos excludentes e mais sensíveis ao acolhimento e convívio com as/os diferentes, de forma igualitária. Nessa linha teórica, Ahmad (2009) defende que é indispensável a responsabilidade dos pais e professores, que devem se unir na tarefa de educar, de transmitir valores às crianças, pelo exemplo, e com afetividade, amando-as, respeitando-as e disciplinando-as.

Não se trata de delegar à família o dever de educar para os valores, essa educação tem raízes profundas que não cabem nessa discussão, mas trata de ver nessa instituição o começo de toda a educação humana, lugar de poder para a conversão de um educar radicado em valores humanos. Assim como um dos nossos pontos-chave e com todos os créditos dados à família, ouvimos quais são as contribuições da experiência da Orquestra para a convivência familiar e nelas tentamos perceber os valores através das essências humanas das mães e dos pais entrevistadas(os):

“A mudança foi boa, passamos a conversar mais, principalmente sobre questões relacionadas à Orquestra, às apresentações, momentos que eu aproveitava para aconselhar, orientar para a vida (como se comportar, valorizar os estudos e aprender a ser gente). Minha filha sempre foi uma boa

menina, mas ela melhorou muito, à medida que foi se desenvolvendo na Orquestra foi se desenvolvendo na escola, passou a ter notas boas. Outra mudança que eu senti foi que o fato dos pais acompanharem seus filhos aproximou mais a gente. Começamos a ser muito mais amiga, a compreender mais a outra, até o respeito cresceu das duas partes.” (MÃE, 2013)

“A experiência da Orquestra contribuiu para que ela fosse mais responsável, comprometida, pontual em seus compromissos. Outra melhora diz respeito à organização que ela passou a ter com tudo que é dela. A Orquestra ajudou minha filha a ampliar o seu grupo de amizades e a ver os outros jovens de forma mais positiva, compreendendo que todos têm as suas possibilidades. A experiência da Orquestra aproximou mais a gente, ela passou a ser mais comunicativa, dividir mais com a família a sua vida e parece que ela passou a se achar mais importante, mais confiante nas coisas, passou a acreditar mais que as coisas podiam dar certo.” (MÃE, 2013)

Na mesma sequência foram ouvidos os pais, que também tiveram e deram o seu depoimento acerca dos aprendizados que perceberam nas(os) filhas(os) musicistas após a vivência com a música na Orquestra. Com o respeito à equidade, tantas vezes tocada nesse estudo, mantivemos, nesse sentido, o mesmo número de pais. Sobre o interrogado, eles assim responderam:

“Eu fiquei muito tempo afastado do meu filho, a mãe dele engravidou, mas eu não assumi no momento. Fui trabalhar fora e durante esse tempo ele foi criado pela mãe e a avó, depois eu retornei e passei a conviver com ele, casei com a mãe dele e hoje somos uma família, ele tem inclusive outro irmão. Eu soube da Orquestra, falei com o Maestro e meu filho começou a frequentar. A gente tinha um afastamento, eu acho que por causa do tempo que eu fiquei longe. Eu acho que a música ajudou meu filho a aceitar as coisas, hoje vejo ele estudioso demais, responsável. Ele é controlado na Orquestra, na escola e em casa também. A Orquestra ajudou ele a se entrosar mais com as pessoas. Fez amizade com pessoas mais velhas por causa da música.” (PAI, 2013)

“Eu queria que meu filho fizesse parte da Orquestra para ocupar o tempo dele, aqui não tem muita oportunidade para os jovens. Se é de ficar sem fazer nada, na rua, que só aprende o que não presta, eu achava melhor botar para aprender alguma coisa. Mas no começo eu não botava muita fé, não, tinha dia que pensava comigo, é hoje que vai desistir de aprender a tocar. Tocar é coisa difícil, o Maestro não dava moleza não. Então o tempo foi passando, a gente foi acompanhando, vendo o crescimento, as mudanças... alguma coisa foi ficando diferente, parece que a família se tocou, todo mundo ficou prestando atenção no (...) e vendo que ele estava diferente. Ao invés de ir pra rua ele ficava tocando, ensaiando, os colegas da Banda estavam sempre aqui em casa... eu mudei meus pensamentos, acreditei e hoje vejo que meu filho é outra pessoa, se já era bom, ficou melhor: escuta a gente, conversa e aceita conselho, combina as coisas, graças a Deus.” (PAI, 2013)

Podemos perceber que existe uma unanimidade por parte das mães e dos pais sobre os benefícios da música, é claro que pelo capital cultural dessas(es) interlocutoras(es) tivemos que interpretar a referência à Orquestra como sendo à música.

Nas respostas analisadas foi possível verificarmos que muitas das qualidades reconhecidas pelas(os) musicistas são confirmadas pelas mães e pelos pais.

Outro empreendimento que percebemos é que existe, por parte das(os) genitoras(es) uma pré-concepção de que a Orquestra era um lugar onde se ensinava e se aprendia coisas boas que complementariam os aprendizados da Escola. Para Arendt (2009), o senso comum é o nosso órgão espiritual para perceber, entender e lidar com a realidade e com os fatos.

Os achados da pesquisa evidenciam valores em construção importantes para práticas de relações de gênero mais respeitadas. Para isso foi evidenciado o respeito. Essa qualidade é imprescindível para a fundamentação de uma convivência democrática, embasada em atitudes que garantam a igualdade entre homens e mulheres e tenham como princípio a preservação do direito à dignidade do ser humano. Além disso, supõe relações recíprocas no trato e no reconhecimento de cada pessoa. O respeito reconhece os seres humanos como sujeitos a serem respeitados, e através desse reconhecimento, também se torna efetivo em relação aos demais seres vivos, e por extensão, ao planeta Terra (JARES, 2008).

Pensando pelo lado da exigência de relações competitivas entre seres humanos, encontramos a honestidade também a caminho para fazer frente ao valor do consumismo desenfreado que se abate principalmente sobre as juventudes. Para acolher o(a) outro(a) encontramos a solidariedade, qualidade que nos leva a partilhar os diferentes aspectos da vida, não somente os materiais, mas também os sentimentais (JARES, 2008).

Essas qualidades tão vitais ao convívio humano se consolidam nesses valores mais citados, acompanhados da responsabilidade, do compromisso e da amizade, que nessa ótica dos valores materializam jovens sensíveis e tocadas(os) em seu interior, em sua espiritualidade. Reincidindo sobre o que já falamos sobre a educação, permanecemos convictas de que a educação é de fato o caminho para a libertação dos seres humanos do fardo do desamor, do egoísmo e da desigualdade.

Para que isso se torne fato, não é preciso grandes financiamentos de capitais ou obras monumentais. Será preciso que os valores humanos sejam os recursos mais aplicados às práticas de relações de gênero. Essa discussão ratifica a estreita relação

entre essas relações e valores, digamos que são interdependentes. Não se pode pensar nessas práticas sem relacioná-las aos valores.

Cortinas abertas para as considerações finais

Diante do exposto, confirmamos que os achados da pesquisa evidenciam valores humanos como: respeito, solidariedade, humildade, compreensão, paciência e acolhimento. Qualidades indispensáveis para a harmonização das relações entre seres humanos. Reconhecemos pelos depoimentos das/os jovens entrevistadas/os que elas/es atribuem ao pertencimento à Orquestra, à mudança de comportamento e a construção desses valores humanos. Assim também, as mães e pais se colocaram em favor da Orquestra como espaço de educação diferente da escola, por contribuir para a superação de muitas das dificuldades, antes, encontradas no convívio familiar.

Enfim esperamos que essa discussão ratifique a estreita relação existente entre as relações de gênero e os valores humanos, de modo que possamos manter essa pauta em constante discussão nos mais diversos ambientes formativos sejam escolares ou não escolares.

Referências

AHMAD, Fernanda Broll Carvalho. Educação para valores: uma alternativa para a convivência humana. **Revista do Ministério Público do Rio Grande do Sul**. Edição mai./ago. 2008. Disponível em: www.mp.rs.gov.br. Acesso em 15/08/2013.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 11. ed. São Paulo: Forense Universitária, 2009.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Paris: Universidade de France, 1997.

CHIZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. Curitiba, PR: Criar Edições, 2006.

FREIRE, Ana Maria Araújo. **Pedagogia da esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

JARES, Xesús R. **Pedagogia da Convivência**. Tradução de Elizabete de Moraes Santana. São Paulo: Palas Athena, 2008.

MELUCCI, Alberto. **Por uma Sociologia Reflexiva: Pesquisa Qualitativa e Cultura**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

MESQUITA, Maria Fernanda Nogueira. **Valores humanos da educação: uma nova prática na sala de aula**. São Paulo: Editora Gente, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 32. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

SAMPAIO, Daniela Dias Furlani; MATOS, Kelma Socorro L. de. Espiritualidade e Educação: a meditação pela paz com jovens em Fortaleza. In: MATOS, Kelma Socorro Lopes de; NONATO JÚNIOR, Raimundo (Orgs.). **Cultura de paz, ética e espiritualidade**. Fortaleza: Edições UFC, 2010.